



O CUIDADO COMO FORMA DE TRABALHO DA MULHER NO PANTANAL

CARE AS A FORM OF WOMEN'S WORK IN THE PANTANAL

EL CUIDADO COMO FORMA DE TRABAJO DE LA MUJER EN EL PANTANAL

DOI 10.55028/geop.v20i39

Ana Adelaide Ortega*
Mara Aline Ribeiro**

Resumo: O artigo analisa o cuidado como prática no cotidiano das mulheres pantaneiras, articulado às dinâmicas do trabalho feminino. Com abordagem etnográfica, que combina observação direta, entrevistas semiestruturadas e análise de objetos cotidianos, foram investigadas formas de transmissão do afeto por meio do cuidado, a partir de relatos orais. Os achados indicam que tais práticas, frequentemente invisibilizadas nas estatísticas formais, estruturam a sociabilidade local e funcionam como mecanismos de resistência, pertencimento e preservação da identidade cultural. O cuidado, longe de ser uma ação individual e isolada, revela-se como processo dinâmico que reforça laços sociais e comunitários no contexto pantaneiro.

Palavras-chave: Cuidado, Mulher Pantaneira, Trabalho, Pantanal.

Abstract: This article analyzes care as a pivotal practice within the daily lives of Pantanal women, examining its intricate relationship with female labor dynamics. Employing an ethnographic methodology that incorporates direct observation, semi-structured interviews, and the analysis of material culture and everyday objects, this study investigates the manner in which affect is transmitted through care practices as articulated

Introdução

O Pantanal, maior planície alagável do planeta, é um bioma marcado por ciclos sazonais de cheias e vazantes que moldam a biodiversidade e as estruturas sociais das comunidades tradicionais (IBGE, 2020; Ribeiro, 2018). Nesse contexto, as mulheres pantaneiras desempenham um papel central nas práticas de cuidado, atividades que transcendem o âmbito doméstico para se constituírem em sistemas complexos de interação com o ambiente, a produção econômica e a reprodução cultural de práticas de cuidado, além de se alinharem ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável – ODS 5, Igualdade de Gênero.

A pesquisa parte do pressuposto de que o cuidado pantaneiro, conforme

* Cientista Social, mestranda em Antropologia Social, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, orcid: <https://orcid.org/0009-0006-2592-0227>, e-mail: anaortega.ad@gmail.com.

** Geógrafa, doutora em Geografia pela Universidade de Campinas - UNICAMP, docente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4693-4656>, e-mail: mara-aline.ribeiro@ufms.br.

in oral accounts. The findings suggest that these practices, which are often rendered invisible in formal quantitative metrics, are fundamental in sustaining local sociability and function as essential mechanisms for resistance, belonging, and the preservation of cultural identity. Rather than being conceptualized as an isolated or purely individual undertaking, care emerges as a dynamic, collective process that significantly reinforces social and communal bonds within the Pantanal ecosystem.

Keywords: Care, Pantanal Women, Work, Pantanal.

Resumen: Este artículo analiza el cuidado como una práctica medular en la cotidianidad de las mujeres del Pantanal, examinando su íntima conexión con las dinámicas del trabajo femenino. Mediante la aplicación de un enfoque etnográfico que incorpora la observación participante, entrevistas semiestructuradas y el análisis de la cultura material y los objetos de uso diario, esta investigación profundiza en la manera en que el afecto se vehiculiza a través de las prácticas de cuidado manifestadas en los relatos orales. Los hallazgos preliminares sugieren que dichas prácticas, a menudo invisibilizadas por las métricas cuantitativas formales, son fundamentales para el sostenimiento de la sociabilidad local y operan como mecanismos esenciales de resistencia, pertenencia y preservación de la identidad cultural. Más que ser concebido como un acto meramente individual o aislado, el cuidado emerge como un proceso dinámico y colectivo que refuerza sustancialmente los vínculos sociales y comunitarios en el contexto del Pantanal.

Palabras-clave: Cuidado, Mujeres del Pantanal, Trabajo, Pantanal.

analisado por Tronto (1993), está para além de um mero conjunto de tarefas, mas um fenômeno moral e político que reflete relações de gênero e poder. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2024) revelam uma dinâmica paradoxal, ou seja, enquanto as mulheres são responsáveis por aproximadamente 80% dos cuidados com a família e o território, sua participação nos registros formais de atividades econômicas não ultrapassa 35%. Os dados são agravados pela inserção do turismo na região pantaneira, que reconfigurou as dinâmicas de trabalho feminino, submetendo-as a duplas jornadas não remuneradas (Bogarim; Ortega, 2024).

Tais perspectivas levaram à reflexão do objetivo deste artigo que é o de analisar o cuidado como uma prática vivenciada no cotidiano das mulheres pantaneiras.

Diante do exposto, o texto está organizado em quatro seções principais: (1) fundamentação teórica, que articula conceitos de cuidado, trabalho feminino e habitar/viver; (2) metodologia, detalhando a abordagem etnográfica e os desafios da pesquisa-nativa; (3) resultados preliminares, com ênfase nas hierarquias entre homens e mulheres na culinária pantaneira e outras práticas que permeiam o cuidar; e (4) considerações finais, que apontam para a necessidade de políticas que reconheçam o valor econômico e cultural do trabalho invisível das mulheres pantaneiras.

O artigo oferece um recorte analítico urgente, dada a acelerada transformação do cuidado no Pantanal. Seus achados reforçam que o cuidado pantaneiro é uma linguagem política silenciosa gestada no ritmo do pilão, no tempo compartilhado do tacho de doce e nas narrativas que resistem à erosão do tempo e espaço de tantas famílias de pantaneiros.

Entrando na cozinha pantaneira: o cuidado em perspectiva

O estudo das práticas de cuidado desenvolvidas pelas mulheres pantaneiras encontra ressonância em um diálogo teórico que articula a antropologia do cuidado e suas abordagens socioeconômicas com aspectos da geografia. Partindo da perspectiva de Joan Tronto (1993), o cuidado é compreendido não como uma atividade restrita ao âmbito doméstico, mas como um fenômeno complexo que envolve dimensões políticas, morais e materiais. Na visão da autora, o ato de cuidar reflete e reproduz estruturas de poder que organizam as relações sociais, sendo particularmente relevante para analisar o formato de negociação que as mulheres pantaneiras usam como marcador de posição em um contexto marcado por transformações econômicas e ambientais.

Para Tim Ingold (2000), o conhecimento não é abstraído da experiência, mas é incorporado por meio de gestos e técnicas cotidianas que conectam os seres humanos ao seu entorno. Ao relacionar essa abordagem com o “habitar”, tem-se uma perspectiva fundamental para entender a maneira como as práticas de cuidado se entrelaçam com o ambiente pantaneiro, ou seja, o conhecimento não é abstraído da experiência, mas é incorporado mediante gestos e técnicas cotidianas que conectam os seres humanos ao seu entorno, como, por exemplo, o manejo de recursos hídricos durante as secas ou o processamento de frutos nativos, que são transmitidos geracionalmente, mas raramente reconhecidos como formas legítimas de conhecimento. A materialidade dessas práticas, expressa em objetos como pilões, panelas de barro e instrumentos de trabalho, revela uma profunda conexão entre corpo, técnica e ambiente.

Marilyn Strathern (2009) contribui com uma análise sobre as construções e negociações das práticas cotidianas nas relações de gênero e seu conceito de “tecnologia de relações” é particularmente útil para compreender as contradições presentes no trabalho das mulheres pantaneiras, cujas atividades semelhantes - como o preparo de alimentos - são valorizadas diferentemente dependendo de quem as executa. Enquanto os homens ganham visibilidade como “cucas” nas comitivas pantaneiras, o trabalho feminino permanece invisível, embora igualmente essencial. Essa abordagem permite questionar as dicotomias estabelecidas

entre produção e reprodução, mostrando como elas são socialmente construídas e mantidas.

Silvia Federici (2019) amplia essa discussão ao demonstrar como o capitalismo se apropria e invisibiliza o trabalho reprodutivo realizado predominantemente por mulheres, especificando a parte desse trabalho que dialoga com a realidade socioeconômica baseada no cuidado. No contexto pantaneiro, essa perspectiva ajuda a entender a dupla jornada enfrentada pelas mulheres, que conciliam o trabalho doméstico não remunerado com atividades econômicas cada vez mais precarizadas, especialmente com o avanço do turismo na região. Os dados do Ministério do Desenvolvimento Social (2023) mostram claramente essa assimetria, revelando como as mulheres dedicam quase o dobro de tempo aos cuidados não remunerados em comparação com os homens.

As diferentes abordagens teóricas convergem para uma compreensão do cuidado pantaneiro como uma prática complexa que transcende categorias analíticas rígidas. Longe de ser uma atividade meramente doméstica ou individual, o cuidado aparece como um fenômeno coletivo que envolve relações intergeracionais, especificidades ambientais e estratégias de resistência cultural que se estruturam e regeneram em gerações passadas e futuras. Ao articular essas perspectivas, este estudo oferece uma visão mais abrangente das práticas de cuidado no Pantanal, mostrando como elas são simultaneamente tradicionais e dinâmicas, adaptando-se às transformações do contexto regional enquanto mantêm sua função central na reprodução da vida social e cultural.

Procedimentos Metodológicos

A pesquisa adotou uma abordagem etnográfica, com ênfase na observação direta como principal técnica de coleta de dados. O trabalho de campo foi realizado nos anos de 2024 e 2025 nas regiões de Cáceres - MT e de Campo Grande - MS, essa delimitação espacial representa diferentes contextos da vida pantaneira, o primeiro mantendo características mais tradicionais, e o segundo refletindo os processos de urbanização e transformação do bioma, que migram entre urbano e rural, mas preservam as tradições independentemente da localização geográfica em que as mulheres residem. A observação direta permitiu acompanhar as atividades cotidianas das mulheres pantaneiras em seus espaços de vida e trabalho, desde as casas de tapera até as cozinhas instaladas à parte no quintal de casa, registrando minuciosamente gestos, técnicas e interações que compõem as práticas de cuidado.

Metodologicamente, o estudo adota uma abordagem etnográfica ancorada na “descrição densa” (Geertz, 1989) e na “teoria vivida” (Peirano, 2006), combinando observação direta, havendo mais de uma entrevista com a mesma pessoa, sendo entrevistas semiestruturadas com duração de aproximadamente 32 horas de gravações, com oito interlocutoras, sendo sete mulheres e um homem, além de conversas informais que validam esta pesquisa e análise de objetos cotidianos, como, por exemplo, o uso de utensílios de cozinha como pilões e panelas de barro, na produção. Todas as interlocutoras são pantaneiras, moradoras das cidades do entorno do Pantanal - destacadamente a cidade de Cáceres no estado do Mato Grosso - e que residem atualmente na capital do estado de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, ambas cidades se caracterizam como delimitação espacial da pesquisa. A Figura 01 apresenta a indicação da localização do trabalho de campo.

Figura 1. Mapa de localização do Pantanal



Fonte: Autoria (2025).

A experiência de uma das autoras a credibiliza ao uso de memórias familiares e diários de campo para identificar práticas de cuidado, como o preparo da paçoca pantaneira e do doce de goiaba, rituais que encapsulam saberes intergeracionais transmitidos por mulheres, desafiando dicotomias ocidentais entre produção e reprodução, conforme proposto por Strathern (2009).

A etapa etnográfica reflete sobre a preparação do doce de goiaba, por se tratar de uma atividade que demanda dois dias de trabalho coletivo ou individual feminino, sendo simultaneamente um ato produtivo e afetivo, mas raramente reconhecido como trabalho. Já a paçoca pantaneira, embora envolva técnicas semelhantes e também seja executada por mulheres, ganha visibilidade quando executada por homens em comitivas e se torna atrativo culturalmente reconhecido em eventos da temática rural (Machado-Neto, 2020).

A escolha pelas práticas alimentares se justifica por seu papel na preservação da identidade cultural pantaneira, reforçando laços comunitários e, ao mesmo tempo, naturalizando desigualdades que operam instintivamente e, por vezes, não favorecem o trabalho feminino.

Nesse contexto, houve mais de uma entrevista com o mesmo interlocutor, aproximadamente cinco pessoas, utilizando o método de entrevistas semiestruturadas gravadas e posteriormente transcritas com três gerações de mulheres pantaneiras, com roteiro flexível que abordava temas como divisão do trabalho, transmissão de saberes e transformações nas práticas de cuidado, educação e cuidado da saúde dos filhos, netos e sobrinhos, o que permitiu que as interlocutoras conduzissem a conversa para aspectos que julgassem relevantes e, por isso, a temática culinária ressoa como uma “consequência” daquilo que essas mulheres julgam como importante. A escolha por esse modelo de entrevista possibilitou captar tanto as regularidades quanto as particularidades das experiências individuais, mantendo um equilíbrio entre comparação e profundidade, pois as perguntas feitas foram minuciosamente executadas a partir de bases teóricas sólidas como citadas anteriormente. É importante lembrar que as entrevistas foram realizadas após consentimento informado, e os dados pessoais foram tratados com confidencialidade.

A análise de objetos cotidianos, como pilões, panelas de barro, instrumentos de trabalho e fotografias familiares, constitui outro eixo metodológico importante. Seguindo a proposta de Appadurai (1986) sobre seguir os objetos, esses artefatos foram estudados não apenas em sua materialidade, mas como vetores de memória e relações sociais. As fotografias, em particular, serviram tanto como documentos históricos quanto como dispositivos para elicitar narrativas durante

as entrevistas, revelando mudanças e continuidades nas práticas de cuidado ao longo das gerações.

A posição da pesquisadora como membro da comunidade estudada trouxe tanto desafios quanto potencialidades metodológicas. Por um lado, exigiu constante reflexividade para equilibrar proximidade e distanciamento analítico; por outro, facilitou o acesso a espaços e informações que dificilmente estariam disponíveis a um pesquisador externo. Essa dupla condição foi trabalhada com o auxílio de diários de campo detalhados, onde foram registradas não apenas as observações, mas também as reflexões sobre o próprio posicionamento no campo.

A análise dos dados combinou técnicas de descrição densa (Geertz, 1989) com abordagens hermenêuticas, buscando interpretar as práticas observadas em suas múltiplas camadas de significado. O material foi organizado em três eixos analíticos principais: (1) as técnicas corporais envolvidas no cuidado, (2) os sistemas de transmissão de saberes e (3) as transformações nas relações entre mulheres e homens. A triangulação entre observação direta, entrevistas e análise de objetos permitiu construir uma compreensão multidimensional do cuidado pantaneiro, evitando reducionismos e capturando suas contradições e complexidades.

Do ponto de vista ético, a pesquisa seguiu os princípios da antropologia, garantindo o anonimato das participantes quando solicitado e o uso responsável das informações compartilhadas. A abordagem metodológica adotada, ao combinar observação direta prolongada com outros instrumentos qualitativos, mostrou-se particularmente adequada para capturar as nuances das práticas de cuidado, revelando tanto suas dimensões materiais quanto seus significados culturais mais profundos.

As mãos que movem o doce no Pantanal

Os dados da pesquisa revelam que as práticas de cuidado desenvolvidas pelas mulheres pantaneiras constituem um complexo sistema de conhecimentos e relações que desafiam as categorias analíticas convencionais. A observação direta do preparo de alimentos tradicionais, como a paçoca pantaneira e o doce de goiaba, demonstrou como essas atividades vão além da mera produção de comida, transformando-se em veículos de transmissão intergeracional de saberes e em espaços de sociabilidade feminina. No caso específico do doce de goiaba, o processo que dura aproximadamente dois dias envolve não apenas técnicas culinárias específicas, como o uso de cinza para evitar que o doce queime, mas também momentos de compartilhamento de histórias e ensinamentos entre mulheres de diferentes idades.

A análise das entrevistas com três gerações de mulheres pantaneiras aponta para uma contradição central: embora sejam as principais responsáveis pelas práticas de cuidado que sustentam a vida familiar e comunitária, representando cerca de 80% dessas atividades segundo dados do IBGE (2024), seu trabalho permanece sistematicamente invisibilizado nos registros formais. Tal processo se acentua quando comparada à visibilidade concedida aos homens em atividades similares. Enquanto o trabalho masculino na preparação da paçoca nas comitativas, nas festas ou nos eventos públicos pantaneiros é reconhecido e valorizado socialmente com figuras como o “cuca” ganhando destaque (Machado-Neto, 2020), o mesmo trabalho realizado por mulheres no âmbito doméstico é naturalizado como parte de suas obrigações.

Os objetos cotidianos analisados como pilões, panelas de barro e instrumentos de trabalho (machados, foices e demais utensílios feitos de couro de boi) emergem como importantes artefatos de memória que materializam essas assimetrias entendidas como “objetos comuns ao trabalho doméstico feminino”. Para exemplificar os utensílios usados na cozinha pantaneira, a Figura 02 apresenta o pilão, feito de um único tronco de madeira, a colher de pau, conhecida como mão de pilão, a gamela que se trata de um utensílio da cultura material de povos indígenas e escravizados, sendo uma vasilha esculpida comumente em madeira maciça retirada de árvores, e também as peneiras de palha:

Figura 2. Artefatos pantaneiros



Fonte: Museu de História Natural em Cáceres – MT. Foto: Ortega, A. A.

O pilão, por exemplo, aparece tanto nas narrativas quanto nas observações como um objeto carregado de significados contraditórios. Enquanto o uso masculino em contextos públicos é celebrado, no cotidiano das mulheres é dado como certo e natural devido aos padrões de sociais que diferenciam mulheres e homens, que se atribuem especificamente ao ato como “não merecedor de reconhecimento” ao manipular o objeto. Dessa forma, é necessário refletir a diferenciação proposta por Strathern (2009), quando interpreta que mesmo um ato sendo repetido por outra pessoa, ainda não carregará a similaridade de sentidos e significados baseados por aquele no qual executa, e assim esses objetos adquirem significados distintos conforme o gênero de quem o executa, como executa e para que executa. Dessa forma, é importante elucidar a disparidade entre esses afazeres cotidianos atrelados ao cuidado e suas relações com base na execução dos atos por mulheres e homens.

O diálogo entre os fazeres das mulheres e dos homens se intensificam com a possibilidade de o produto dessa relação gerar renda, como, por exemplo, a partir do avanço do turismo na região que introduziu novas camadas de complexidade à dinâmica do cuidado. As mulheres pantaneiras entrevistadas relatam a necessidade de conciliar o trabalho doméstico não remunerado com o trabalho assalariado nas pousadas, onde muitas vezes reproduzem as mesmas práticas de cuidado, agora inseridas em uma lógica de mercado. Assim, desenha-se uma dupla jornada de trabalho, que chega a representar até 21,3 horas semanais de trabalho não remunerado (Ministério do Trabalho e Emprego, 2025). Assim, evidencia-se como as transformações econômicas na região têm se apoiado na manutenção histórica de desigualdade de gênero.

A pesquisa indica que o cuidado no Pantanal opera simultaneamente como: (1) sistema de conhecimento relacionado ao ambiente Pantanal reproduzido de forma geracional tradicional, (2) mecanismo de reprodução das desigualdades entre homens e mulheres e (3) estratégia de resistência cultural frente às transformações econômicas ao longo dos anos.

Considerações Finais

Diante do exposto, faz-se necessário apontar para a complexidade das práticas de cuidado desenvolvidas pelas mulheres pantaneiras, revelando um sistema sociocultural que articula trabalho, afeto e resistência de maneiras particulares. O estudo demonstra que o cuidado no Pantanal transcende amplamente a esfera doméstica, constituindo-se como um conjunto de saberes e técnicas essenciais para a reprodução da vida no bioma, desde o manejo ambiental na reprodução de técnicas de cuidados com a saúde, como a infusão de chás de plantas e casca de árvores,

até a preservação da identidade cultural que se entrelaça pela alimentação, saúde e educação. Contudo, essa centralidade contrasta radicalmente com a invisibilidade estatística e social do trabalho feminino, um paradoxo que se mantém e se reinventa mesmo diante das transformações econômicas recentes na região.

As análises realizadas até o momento sugerem que a divisão sexual do trabalho no Pantanal opera mediante mecanismos sutis, nos quais atividades semelhantes são valorizadas diferentemente conforme o gênero de quem as executa. Essa diferenciação, longe de ser natural, mostra-se como uma construção social que beneficia determinados atores, especialmente o setor turístico em relação à expansão à custa da sobrecarga de trabalho das mulheres. A sobrecarga da dupla jornada feminina (remunerada nas pousadas e não remunerada nos lares) indica que o desenvolvimento econômico da região tem se apoiado na manutenção de assimetrias históricas, em um processo que ecoa o resultado da exploração capitalista como trabalho reprodutivo.

A pesquisa também revela que as práticas de cuidado funcionam como estratégias de resistência cultural, especialmente por meio da transmissão intergeracional de saberes alimentares e medicinais. O preparo do doce de goiaba, a paçoca pantaneira e o manejo de plantas que curam qualquer mal aparecem não apenas como técnicas de sobrevivência, mas como formas de preservar memórias e identidades frente à homogeneização cultural. Nesse sentido, o cuidado se mostra como uma linguagem política silenciosa, que desafia dicotomias ocidentais entre produção e reprodução, natureza e cultura.

Por fim, a análise da dinâmica do cuidado no Pantanal contribui para visibilizar o trabalho essencial das mulheres pantaneiras, questionando os mecanismos que perpetuam sua desvalorização. Os achados reforçam a urgência de políticas que reconheçam o cuidado e o trabalho doméstico como atividade econômica, seja ele praticado em fazendas, hotéis, pousadas e/ou dentro de suas próprias residências.

Agradecimentos

Agradeço com profundo respeito e carinho às mulheres pantaneiras que compartilharam suas histórias, saberes e modos de viver o cuidado, permitindo que este trabalho se estruturasse academicamente. Em especial, à minha família, que compôs as vozes desta pesquisa, à minha tia Nair, prima Cida, tia-avó Maria, tia-avó Severiana e tio-avô José, por acolherem minhas perguntas e ensinarem por meio dos gestos a manterem vivas as memórias que inspiraram essa escrita, especialmente a memória de minha avó Ana.

À Prof^a Dr^a Mara Aline Ribeiro, pela orientação generosa, pelas provocações teóricas, pela escuta cuidadosa durante todo o processo e pela parceria na escrita. Ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - PPGAS/UFMS e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio institucional e financeiro que possibilitaram o desenvolvimento da pesquisa.

Referências

- APPADURAI, Arjun. **The social life of things: commodities in cultural perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- BOGARIM, Beatriz Silva; ORTEGA, Ana Adelaide. “Na pousada eu faço, praticamente, a mesma coisa de casa”: a reprodução do trabalho doméstico no Pantanal/MS – Brasil. **Revista GeoNordeste**, São Cristóvão, ano 2025, n. 2, p. 186-200, jul./dez. 2024.
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social. **Relatório de segurança alimentar em comunidades tradicionais do Pantanal**. Brasília: MDS, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mds>. Acesso em: 15 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Desafios da mulher no mercado de trabalho: desigualdade de gênero e racismo persistem**. Brasília: MTE, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-emprego/pt-br/noticias-e-conteudo/2025/marco/desafios-da-mulher-no-mercado-de-trabalho-desigualdade-de-genero-e-racismo-persistem>. Acesso em: 30 mai. 2025.
- FEDERICI, Silvia. **Mulheres e caça às bruxas: da Idade Média aos dias atuais**. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- GEERTZ, Clifford. **Local knowledge: further essays in interpretive anthropology**. New York: Basic Books, 1983.
- INGOLD, Tim. **The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Cobertura natural dos biomas do país de 2000 a 2018**. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28944-ibge-retrata-cobertura-natural-dos-biomas-do-pais-de-2000-a-2018>. Acesso em: 10 mai. 2025.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **PNAD Contínua: rendimentos de todas as fontes 2023**. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/32c7fd77cb1b91b74c2b2a9171febd8b.pdf. Acesso em: 30 mai. 2025.
- MACHADO-NETO, Paulo. **Cozinha pantaneira: comitiva dos sabores**. 1. ed. São Paulo: BEI Editora, 2020. 180 p. Disponível em: <https://documentapantanal.com.br/download/LivroCozinhaPantaneira.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2025.
- PEIRANO, M. A. P. A teoria vivida: desafio antropológico da atualidade. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, R. (org.). **Antropologia e identidade: um diálogo com o pensamento de Roberto Cardoso de Oliveira**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006. p. 105–122.
- RIBEIRO, M. A. **Ecoturismo, territorialidades e visibilidades: uma etnografia na região do Pantanal do Abobral**. Campo Grande: EdUFMS, 2018.
- STRATHERN, Marilyn. **O gênero da dádiva**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- TRONTO, Joan. **Moral boundaries: a political argument for an ethic of care**. New York: Routledge, 1993.